

O final do ano de 2011 reservou uma grata surpresa para a arte brasileira. O Balé Teatro Guaira parece começar a despir-se das amarras que engessam a produção das estatais brasileiras e ousa apropriar-se de uma forma de conhecimento corporal visivelmente mais autônoma e criativa. O espetáculo estreado no grande auditório do Teatro Guaira em 8 de dezembro mostrou este momento encarnado nos corpos da companhia. No primeiro ato, as remontagens das obras *Treze Gestos de um Corpo* (Olga Roriz, 1986) e *Caixa de Cores* (Luiz Fernando Bongiovanni, 2005) esboçam atualização principalmente no movimento dos corpos mais atentos a noções refinadas de peso, e contato com o solo. Destaque também para a feliz percepção do coreógrafo Bongiovanni sobre a desnecessária literalidade do uso da imagem visual das cores na apresentação desta remontagem.

No segundo ato, a estréia de *Drama*, (Carmen Jorge) cria no cenário de Fernando Marés, a idéia de rompimento dos limites da caixa preta do palco e expande para a proximidade da platéia personalidades de corpos presentes, que convidam diretamente o público a olhar para pequenas mostras de si próprios, parte do corpo, detalhes individuais que ganham força expressiva no coletivo. Os figurinos de Roberto Arad reforçaram a idéia de indivíduo/coletivo com bom gosto. A composição do músico Vadeco ambienta a dramaturgia reforçada pelo desenho híbrido da luz de Beto Bruel. O trabalho se apropria ainda do som da voz e da respiração dos intérpretes, como integrantes da cena do corpo que dança. A dramaturgia intriga, causa curiosidades, revela inquietudes, divide sensações, com doses refinadas de bom humor e surpreendentemente pouquíssima literalidade. Flores são manipuladas e apropriadas de maneira a revelar intenções, costumes ou apenas desenhos. Tensões são instantaneamente transformadas em diversão que por vezes convidam o público a entrar na obra.

Os solos e um trio apresentados expõem corpos com apropriação dramaturgicamente de tais cenas. Encontraram a difícil equalização entre uma técnica própria do e no corpo, desprovida do raso acadêmico. *Drama* presenteia o público na escolha do limite entre o gesto, o texto e o envolvimento do intérprete. Desafia o público ora na simplicidade ora no gesto inusitado, ora em uma chuva de flores que invade o palco em um momento que poderia pecar pela convenção do artifício cênico, mas que foi inteligentemente

modificada pela irreverência das cenas nas quais ocorreu. Estes momentos foram atravessados por coletivos reveladores de desenhos poéticos dos corpos, porém, reveladores também de fragilidades individuais quanto à apropriação personalizada de cada gesto ao longo do tempo, escolhido como linguagem estética para cada momento da dramaturgia.

Drama parece evidenciar um salto de qualidade desta companhia, escancarou um processo de amadurecimento de seu elenco visivelmente diverso em corpo/movimento/compreensão da dança contemporânea. Não é uma obra provida de artifícios cênicos formulados para a digestão e consumo rápidos, não reforça estes anseios, guarda muito mais em si a irreverência da transformação. Mais inteligente e provocador o Balé Teatro Guaira finalmente parece ter ganho coragem e apoio político para descartar o conforto de suas muletas históricas, já incapaz de sustentá-lo, e iniciar um caminho propositivo de autonomia de sua dança.

Texto por Pedro Bittencourt – doutor em Artes pela Universidade de Londres, colaborador na curadoria do Umbrella Dance Festival – Edição de Londres, UK.